

UM REGISTRO HISTÓRICO DO BRASIL EM LATIM

Amós Coêlho da Silva (UERJ – UGF)

MELO, José Rodrigues de. *De Cultura Herbae Nicotinae in Brasilia*. Tradução e apresentação de Silva Bêlkior. Rio de Janeiro: Gráfica Edil, 2004.

(Contato: Profa. Fernanda (21) 2543-7573)

Sob o patrocínio da Souza Cruz, o Prof. Bêlkior Cornélio da Silva, titular de Filologia Românica da UFRJ, traduziu a obra de José Rodrigues de Melo, *De Cultura Herbae Nicotinae in Brasilia, A Cultura do Fumo no Brasil*, em edição bilíngüe.

De Cultura Herbae Nicotinae in Brasilia foi escrito em Roma durante o exílio do Autor, sob a égide do pontificado de Clemente XIII, e publicado em 1781. Nascido em Portugal, cidade do Porto, em 1704, ordenou-se sacerdote jesuíta e veio a falecer talvez aos oitenta e um anos. O seu exílio se deve ao decreto que expulsou a Companhia de Jesus do Brasil, pelo Marquês de Pombal, em 1759.

O volume oitocentista contém também, além de *De Rusticis Brasiliae Rebus*, outros poemas de José Rodrigues de Melo que tratam da vida rural brasileira: *De Cura Boum in Brasiliae*, desenvolvendo o assunto da criação de bois, e *De Cultura Radicis Brasilicae. De Vsu Vario Radicis Brasilicae*, cujo tema é o cultivo da mandioca. Há também o de Prudêncio do Amaral, baiano, também jesuíta (1675-1715), sobre a fabricação do açúcar, *De Sacchari Opificio*.

Inspirado pelo uso do rapé, em tom épico, relata em latim, este idioma que eterniza tudo: um poema *aere perennius*, mais perene que o bronze, como afirma na orelha da capa J. J. de Oliveira Freitas. Aí temos a origem do nome nicotina desde o seu patronímico francês Nicot e o seu berço baiano da altaneira Salvador, *ela que ergue a sua cabeça entre as outras colinas altaneiras...*, *Caput illa e collibus altis interea attolens* tradução minha, mas aproximada do Prof. Bêlquior)...

Em versos hexâmetros datílicos, o poeta descreve a escolha do local do plantio do fumo, tratamento adequado, a colheita, o armazenamento do fumo nas protetoras folhas da bananeira, em cuja

passagem aproveita para elucidar que o '*ficus brasílica*', popularmente conhecida como *bananeira*, (conforme tradução do meticoloso latinista Bêlquior) é uma árvore cheia de formosura, da qual o fruto é delicioso. Ainda sobre a *bananeira*, ressalta a sua econômica produção em um só cacho, que é abundante de frutos, num processo herdado da natureza de *vitam brevem*. Porém, antes de se despedir, eis que teve o cuidado de nos deixar em seu lugar algumas herdeiras, *Haeredes tamen illa suas moritura relinquit*. Note o escrúpulo do tradutor em procurar uma expressão que não se apresente como mais importante que o discurso poético vazado neste hexâmetro com o quinto pé, sintetizado nos termos *moritura relinquit (TURA RE)*, que está para morrer deixa – e isso se traduziu assim: *antes de se despedir, eis que teve o cuidado de nos deixar*. É claro que a extensão da tradução compete ao analitismo português.

Os versos seguintes tratarão da exportação do tabaco. Neste passo, ressalta o Poeta como fizera Vergílio, *As Bucólicas*, 24 e 25, afirmando que *Mas Roma ergue tanto a cabeça entre as outras cidades quanto costumam os ciprestes entre os viburnos dóceis, Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes quantum lenta solent inter viburna cupressi*. É o verso a que nos referimos no quarto parágrafo acima. Nesta passagem, destaca ainda a riqueza conquistada pelos *magnatas da Cidade*, graças aos lucros no comércio do açúcar, (*nam neque tellus,/ Qua dulces veniant cannae felicius, ulla est*), pois nenhuma terra do mundo é mais generosa do que as da Bahia na produção de cana. A tradução literal seria: *pois nenhuma terra é mais generosa que esta onde brotam as doces canas*. Nesta oração subordinada adjetiva circunstancial consecutiva, quiseram o Poeta e o tradutor, dada a fidelidade de tradução, assinalar a importância do Recôncavo Baiano e da primeira capital do Brasil.

Porém, uma página triste de nossa História: a troca de rolos de fumo por escravos: *perpetuos labores*.

Conclui-se com versos finais a deliciosa experiência do rapé: desde a sua confecção ao seu uso saudável. A conciliação do seu uso com os preceitos de higiene. Os benefícios para o espírito e corpo. Depois o uso do cachimbo, bem com sua fabricação. Finalmente, o fecho com invocação do rio Tibre, *Tibri Pater*, que lhe há de conceder permissão para existência do seu poema. A elisão do e breve e supressão do s para sustentar a métrica do hexâmetro.